



EDUCAÇÃO SEXUAL NA AULA DE ESPANHOL: UMA PROPOSTA DE ENSINO ATRAVÉS DA PRIMEIRA TEMPORADA DA SÉRIE *SEX EDUCATION*

EDUCACIÓN SEXUAL EN LA CLASE DE ESPAÑOL: UNA PROPUESTA DE ENSEÑANZA A TRAVÉS DE LA PRIMERA TEMPORADA DE LA SERIE *SEX EDUCATION*

Mayra Suézia Oliveira dos Santos **1**
Priscila Batista Araújo de Almeida **2**

Resumo: Considerando a existência de discursos que têm o intuito de inviabilizar o ensino de uma Educação Sexual, o objetivo geral deste estudo é sugerir uma proposta de ensino a partir da primeira temporada da série *Sex Education* (2019). Os objetivos específicos são: (i) refletir sobre a importância do ensino de uma Educação Sexual na escola e (ii) sugerir atividades que contemplem o ensino-aprendizagem da língua espanhola. Metodologicamente, considera-se a pesquisa qualitativa de estudo de caso, que baseia-se na revisão bibliográfica dos seguintes autores/documentos: Furlani (2008) e Nunes (2005), que tratam a sexualidade como fenômeno histórico e psicossocial; a BNCC (BRASIL, 2018), documento que guia a Educação Básica e traz a sexualidade como tema transversal para o ensino-aprendizagem da língua estrangeira (LE); Afini e Burini (2009), no que corresponde ao texto audiovisual. Este artigo inclui a apresentação de uma proposta de ensino, que constrói-se a partir de pequenas atividades e que fundamenta-se nas temáticas vividas pelas personagens durante a série. Conclui-se que é possível organizar, na escola, um espaço destinado ao ensino de uma Educação Sexual.

Palavras-chave: Proposta de Ensino. Educação Sexual. Espanhol. Escola.

Resumen: Considerando la existencia de discursos que tienen el intuito de inviabilizar la enseñanza de una Educación Sexual, el objetivo general de este estudio es sugerir una propuesta de enseñanza a través de la primera temporada de la serie *Sex Education* (2019). Los objetivos específicos son: (i) reflexionar sobre la importancia de la enseñanza de una Educación Sexual en la escuela y (ii) sugerir actividades que promuevan la enseñanza-aprendizaje de la lengua española. Metodológicamente, se considera la investigación cualitativa de estudio de caso, que se basa en el repaso bibliográfico de los siguientes autores/documentos: Furlani (2008) y Nunes (2005), que entienden la sexualidad como fenómeno histórico y psicossocial; la BNCC (BRASIL, 2018), documento que guía la Educación Básica y retrata la sexualidad como un tema transversal en el ámbito de las lenguas extranjeras (LE); Afini y Burini (2009), en lo que se refiere al texto audiovisual. Este artículo incluye la presentación de una propuesta de enseñanza, que se construye a partir de pequeñas actividades y que se fundamenta en los asuntos que viven los personajes durante la serie. Se concluye que es posible organizar, en la escuela, un espacio que se destine a la enseñanza de una Educación Sexual.

Palabras clave: Propuesta de Enseñanza. Educación Sexual. Español. Escuela.

1 Graduada em Letras (Língua Espanhola) pela Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4073084415181213>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2205-7337>. E-mail: sueziamayra@gmail.com

2 Graduada em Letras (Língua Espanhola) pela Universidade Federal da Paraíba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1284109969120471>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3986-3036>. E-mail: priscilabatistaaa7@gmail.com



Introdução

A *sexualidade*, ainda hoje, não deixou de ser um assunto tratado como tabu. Isto pode ocorrer devido à falta de entendimento das pessoas em relação ao significado do próprio vocábulo em questão. Deste modo, assim como em outros espaços, a escola (mesmo que implicitamente) reforça discursos de natureza repressora que podem, em maiores ou menores proporções, inviabilizar o ensino de uma Educação Sexual que se configure como uma prática responsável e prazerosa da vivência da sexualidade.

Pelo viés das Ciências Sociais, o termo *sexualidade* pode ser entendido como um constructo sociocultural e psicossocial que, de acordo com César Nunes (2005), também está relacionado ao sexo biológico (pela ótica das Ciências Naturais). Isso significa dizer que ambas Ciências são interdependentes, não deixando a tarefa de educar a sexualidade somente à cargo das Ciências Naturais. Para o autor, o nível psicossocial e a cultura ganham significância devido as suas influências na formação de papéis sociais ao longo da vida do ser humano, uma vez que “a sexualidade se encontra envolta em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu caráter social explosivo” (NUNES, 2005, p. 3).

Este trabalho se justifica pela necessidade de tornar possível o acesso a uma *Educação Sexual Emancipatória*, definida por Furlani (2008) como um tipo de educação que prevê meios para a aquisição de uma consciência que possibilite a liberdade de escolha. Para o aluno, se caracterizaria como uma abertura para o diálogo baseado em seus próprios interesses; já o professor, se apresenta como diagnosticador e auxiliador desse processo de aprendizagem e do desenvolvimento dos estudantes ante seus anseios psicológicos, cognitivos e histórico-culturais.

Para tal, pretendemos sugerir uma proposta de ensino a partir da primeira temporada da série *Sex Education* (2019): uma comédia britânica, mas com dublagem para o espanhol, que será a LE trabalhada, exibida pela *Netflix*¹. A história protagoniza a vida de um jovem virgem, introspectivo, que ainda está no Ensino Médio. Ele vive com a sua mãe, que é uma terapeuta sexual (e mesmo assim ele vive conflitos com a sua própria sexualidade). No desenrolar da narrativa, ele se junta a uma jovem garota, sua colega de classe, para montar uma clínica que tem a função de diagnosticar os problemas – relativos à sexualidade – de seus colegas.

Compreendemos a proposta mencionada como meio que deverá viabilizar/suscitar reflexões sobre a importância de se falar de sexualidade como algo natural, no âmbito do Ensino Básico – Ensino Médio. Neste sentido, é válido dizer que, por ser um tema transversal (BRASIL, 1998), devemos levar em consideração que quaisquer disciplinas podem trabalhá-lo, não deixando-o isolado apenas para a disciplina de Biologia.

Evidenciamos que apesar da série ser transmitida em canal fechado – televisão à cabo, é possível fazer *download* de seus episódios. O professor que pretende utilizá-los, deve possuir uma conta em tal canal para que possa disponibilizá-los gratuitamente. Acreditamos que se trata de um investimento importante se levamos em conta que a série servirá de recurso educativo. No entanto, há outra opção, gratuita, em que os alunos poderão ter acesso a série, pois o aplicativo *Viser*² traz a mesma experiência da *Netflix*. Para isso, o usuário cria uma conta com o seu próprio e-mail, por exemplo, e já obterá acesso de imediato.

Este artigo também é resultado de todo um percurso favorecido pela disciplina de Educação Sexual (componente curricular optativo) dentro da graduação em Letras (Língua Espanhola) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nessa disciplina, por várias vezes nos desconstruímos com a finalidade de ampliar o nosso olhar para a esfera educacional, procurando entender o lugar do professor na formação sexual do aluno da Educação Básica.

Ainda cabe mencionar que o objetivo geral, sugerir uma proposta de ensino a partir da primeira temporada da série *Sex Education* (2019), contempla, em maior ou menor quantidade, os objetivos específicos: (i) refletir sobre a importância do ensino de uma Educação Sexual na escola e (ii) sugerir atividades que contemplem o ensino-aprendizagem da língua espanhola. Isso requer do

1 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Netflix>. Acesso em: 05 abr. 2019.

2 Disponível em: <https://celular1.com.br/vizer-app-3/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

leitor, um olhar analista e reflexivo, uma vez será necessário verificar de que modo a nossa proposta se apresenta como caminho eficaz para o ensino responsável da Educação sexual na escola.

Ademais desta introdução, trazemos em sequência as reflexões sobre a Educação Sexual na sala de aula (de Línguas Estrangeiras), onde fundamentamos este trabalho para melhor compreensão de ideias; a metodologia, na qual discorremos sobre a organização deste artigo; a seção intitulada *Caminhando pelo (des)conhecido: refletindo sobre a proposta de ensino*, capítulo dedicado à reflexão/discussão sobre a proposta sugerida; e as considerações finais.

Enfim, esperamos que possam fazer uma leitura proveitosa.

Reflexões sobre a Educação Sexual na sala de aula de Línguas Estrangeiras

Inicialmente, no baseamos nas reflexões trazidas por alguns documentos norteadores da educação, no que concerne, principalmente, a nossa área de LE. À vista disso, nos propusemos à aliá-los com os textos lidos à luz da Educação Sexual.

Neste contexto, podemos afirmar que o ensino-aprendizagem de uma LE na Escola Básica brasileira tornou-se um grande conflito a ser analisado. Não é de hoje que vem sendo enormemente debatido que o ensino da LE na escola se encontra em uma situação conflituosa. Segundo Leffa (2011), um dos maiores problemas está na formação de professores pelas universidades, que nem sempre preparam os alunos e futuros docentes para lidar com temas que atravessam a vida humana. Outra questão pontuada é que o ensino superior no Brasil se vale de profissionais que, muitas vezes, não fizeram uma licenciatura – uma vez que há demandas que buscam suprir a falta de professores no quadro de ensino das instituições de Educação Básica, muitos profissionais que não fizeram uma licenciatura se submetem ao trabalho docente, algo que contribui com a precarização do ensino-aprendizagem.

Por outro lado, a Educação Sexual, no espaço escolar, sofre implicações causadas por longos debates conceituais a respeito de seu próprio significado, pois, ainda que esse tema tenha ganhado dimensão política, a sexualidade ainda é vista como algo que se limita a promoção da saúde – quando, na verdade, deveria se guiar por sua função cidadã. Dito de outro modo:

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir. Ela é responsabilidade de todos (LOURO, 1997, p. 83).

É por isso que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) apresentam a palavra *cidadania*, remetendo-a à construção de uma consciência crítica que se apoia na proposta de eixos transversais norteadores – ou temas transversais³ – para o ensino de LE, o que nos permite considerar que a Educação Sexual é meio de formação de cidadãos críticos e conscientes, sendo acessível para qualquer disciplina. Em outras palavras:

O tema Orientação Sexual não tem apenas um caráter informativo, como sugerem os PCN, mas, sobretudo um efeito de intervenção no interior do espaço escolar. Concebido como tendo uma função transversal que atravessa fronteiras disciplinares, ele se dissemina por todo campo pedagógico e funciona de forma a expandir seus efeitos em domínios dos mais heterogêneos. Os PCN incitam a escola, através de práticas pedagógicas diversas, construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si mesmo como objeto de cuidados, alterando comportamentos (ALTMANN, 2000, p. 584).

³ “A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso com as relações interpessoais no âmbito da escola, pois os valores que se quer transmitir, os experimentados na vivência escolar e a coerência entre eles devem ser claros para desenvolver a capacidade dos alunos de intervir na realidade e transformá-la, tendo essa capacidade relação direta com o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade.” (BRASIL, 1998, p. 65).

Ademais, deve-se levar em consideração algumas peculiaridades no documento, a saber:

Todavia, quando esses documentos são abordados, antes precisamos reconhecer de quais PCN estamos tratando, pois esses se apresentam em três grandes grupos: os de ensino fundamental para o I e II ciclos, editados em 1997; os de ensino fundamental para o III e IV ciclos, em 1998; e os de ensino médio (PCNEM), em 1999. É esse último documento (PCNEM), desdobrado em outro documento conhecido como Orientações Curriculares para o Ensino Médio, editado em 2006 (NETO, 2014, p. 114).

Visto que não se deve criticar algo que não se conhece, a Educação Sexual como tema transversal deve seguir uma abordagem adequada a cada fase de ensino: levando em conta o público alvo e intensificando a indispensabilidade de fazer leituras reflexivas sobre tais documentos com a intenção de que esse ensino possa corresponder às expectativas dos alunos. A escola, como lugar de vivência cidadã, também precisa apoiá-los para que possa fortalecer um diálogo consciente sobre a vivência da sexualidade.

Dando continuidade ao documento anterior, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), em sua seção para o Ensino Médio, no que se refere as competências específicas para a área de *Linguagens e suas Tecnologias*, põe as linguagens como a voz do aluno, possibilitando-lhe, assim, uma maior autonomia e protagonismo, corroborando com o esperado pelos PCN, dando mais condições para que o professor trabalhe em sala de aula com temas que sejam independentes (emancipatórios) – que contribuam com a formação integral do estudante/cidadão.

Além disso, voltando-nos para a importância de um ensino emancipado, César Nunes (2005) chama a atenção para a importância de conhecer as origens de tais temas, como a sexualidade. Ele acredita que conhecer a sua história, suas etapas cronológicas/fisiológicas e as mudanças/características esperadas é desmistificar o conceito de sexualidade como ato sexual, favorecendo a tomada de consciência do aprendiz. Como podemos comprovar na seguinte citação:

Na realidade brasileira, embora ainda de uma forma um tanto tímida, é a partir da década de 1990 que se buscam novos enfoques e paradigmas para compreender a prática pedagógica e os saberes pedagógicos e epistemológicos relativos ao conteúdo escolar a ser ensinado/aprendido. Neste período, inicia-se o desenvolvimento de pesquisas que, considerando a complexidade da prática pedagógica e dos saberes docentes, buscam resgatar o papel do professor, destacando a importância de se pensar a formação numa abordagem que vá além da acadêmica, envolvendo o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da profissão docente (NUNES, 2001, p. 28).

Consoante a isso, Tardif e Raymond (2000) trazem uma reflexão sobre as competências necessárias para um educador em qualquer área de conhecimento:

É necessário pensar também que atribuímos à noção de «saber» um sentido amplo que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes dos docentes, ou seja, aquilo que foi muitas vezes chamado de saber, de saber-fazer e de saber-ser. Essa nossa posição não é fortuita, pois reflete o que os próprios professores dizem a respeito de seus próprios saberes. De fato, os professores que consultamos e observamos ao longo dos anos falam de vários conhecimentos, habilidades, competências, talentos, saber-fazer etc. relativos a diferentes fenômenos ligados ao seu trabalho. Eles falam, por exemplo, do conhecimento da matéria e do

conhecimento relativo ao planejamento das aulas e à sua organização. Referem-se igualmente ao conhecimento dos grandes princípios educacionais e do sistema de ensino, tecendo comentários sobre os programas e livros didáticos, seu valor e sua utilidade. Salientam diversas habilidades e atitudes: gostar de trabalhar com jovens e crianças, ser capaz de seduzir a turma de alunos, dar provas de imaginação, partir da experiência dos alunos, ter uma personalidade atraente, desempenhar o seu papel de forma profissional sem deixar de ser autêntico, ser capaz de questionar a si mesmo. Enfim, os professores destacam bastante sua experiência na profissão como fonte primeira de sua competência, de seu “saber-ensinar (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 212).

Isso remete ao fato de que, geralmente, os professores projetam a busca dos “saberes” nos alunos, porém, em muitas ocasiões, se esquecem de que os “saberes” são também de responsabilidade do professor. Deste modo, podemos reforçar que “a elaboração conjunta é uma forma de interação ativa entre o professor e os alunos visando a obtenção de novos conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções, bem como a fixação e consolidação de conhecimentos e convicções já adquiridos” (LIBÂNEO, 2013, p. 184).

É por essa razão que estamos de acordo com este tipo de metodologia de construção conjunta de conhecimentos, pois o papel do professor educador se refere à disseminação de informações coerentes, influenciando significativamente o autocuidado dos jovens e reduzindo condutas de risco. Isso, por outra perspectiva, requer:

Compreender a prática pedagógica no momento atual da sociedade brasileira, requer a utilização da categoria totalidade, entendida como a expressão das características marcantes da sociedade que influenciam a realidade educacional. Ter como ponto de partida os aspectos da formação socioeconômica brasileira, as relações de produção, classes sociais, cultura como prática social e ideologia é fundamental para analisar os múltiplos determinantes da prática pedagógica (FREITAS, 2012, p. 1).

É de suma importância essa consciência por parte do professor, que deve entender os fatores socioculturais, além de históricos, que corroboram para uma prática docente coerente e adequada.

É por isso que, já partindo para a área do ensino, nos deparamos com a pesquisa de Costa Filho, Silva e Souza (2018). Os autores abordam a temática da sexualidade por meio do livro *Sapato de Salto*, de Lygia Bonjunga, enfatizando o ensino da obra e de sua temática em sala de aula. Ao longo do trabalho, podemos observar que o subtema *prostituição* foi o escolhido como proposta de ensino, que nasce a partir da leitura livro, seguida da discussão da temática. Logo em propostas como essa, depreendemos o valor de voltarmos o olhar para tal abordagem, com vistas a entender como se pode falar de sexualidade sem ser “invasivo”.

Já no que diz respeito ao uso das tecnologias audiovisuais, nos fundamentamos em Affini e Burini (2009), já que estamos trabalhando com um material audiovisual (a série *Sex Education*). Durante o trabalho, as autoras ampliam a definição de texto ao associá-lo às tecnologias digitais. Para tanto, essas ferramentas de comunicação foram utilizadas como *corpus* para a análise qualitativa na produção de formatos discursivos (entendido como diálogo). Deste jeito, observou-se que a linguagem audiovisual é uma grande incentivadora na exploração de diferentes aspectos, sejam eles semióticos ou criativos. Em outras palavras:

O híbrido, ou encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova. Isto porque o paralelo de dois meios nos mantém entre formas

que nos despertam da narcose narcísica. O momento do encontro dos meios é um momento de liberdade e libertação do entorpecimento e do transe que eles impõem aos nossos sentidos (MCLUHAN, 1964, p. 75 apud AFFINI; BURINI, 2009, p. 6).

Nesse sentido, a dualidade do texto audiovisual se configuraria como um grande colaborador para o ensino-aprendizagem, principalmente pelo uso dessas tecnologias se apresentarem como algo enraizado no cotidiano dos adolescentes.

Relativo a isso, a BNCC (BRASIL, 1998) pressupõe que “[...] se de um lado do jogo interacional de construir significados estão as habilidades comunicativas de compreensão, do outro estão as habilidades de produção escrita e oral”. Tendo isso em mente, a proposta pedagógica que veremos a seguir também almeja contemplar as quatro habilidades comunicativas (ler, escrever, ouvir e falar) a partir da série *Sex Education*.

Antes, para concluir esta seção, retomamos o que foi dito por Furlani (2008) no início deste trabalho. Ela descreve o que seria uma educação emancipatória e, levando a nossa interpretação em pauta, acreditamos que emancipar, segundo o Dicionário etimológico⁴, “é ganhar independência”. No latim, essa palavra era formada pelo substantivo *manus* (mão) e pelo verbo *cepi* (capturar), resultando em *emancipatione*, ou seja, “aquele que não está mais preso pela mão do outro”.

Isso nos impulsiona a afirmar que uma Educação Emancipatória deve conduzir o indivíduo a tomar conhecimento de seu direito de liberdade de escolha (neste caso, como e por que viver a sexualidade da forma que lhe apetece). Antes, obviamente, se faz necessário incrementar espaços de discussão para esse fim. Só assim o discente poderá possuir uma postura reflexiva ante o tema e desconstruir os próprios estereótipos que o circulam.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa (TRIPP, 2005). Nesse tipo de método, busca-se estudar o caráter subjetivo do objeto analisado – neste caso, a aplicação de uma proposta de ensino. Para isso, fizemos uma revisão bibliográfica de autores como Altmann (2001), Freitas (2012), Louro (1997), Nunes (2005), Afini e Burini (2009), Furlani (2008) e de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) etc.

Durante a investigação, procuramos compreender a autenticidade da série como material pedagógico. Igualmente, também discutimos sobre estratégias de leitura para o planejamento de espaços que contemplem uma Educação Sexual Emancipatória para o Ensino Básico. Sugerimos tal proposta na seção seguinte por se caracterizar como base para nossas meditações. Em suma, a nossa metodologia se materializa como um estudo de caso oriundo da proposição pedagógica.

Vale deixar claro que pretendemos trabalhar com recortes de toda a primeira temporada, tendo em vista a adequação e seleção de trechos apropriados à faixa etária e as normas morais⁵ que norteiam as práticas pedagógicas, haja vista que a série possui algumas cenas que são proibidas para menores de 18 anos.

Cada episódio corresponderá a uma aula de 50 minutos, ou seja, como a série possui 8 episódios de mais ou menos 50 minutos (também é importante fazer alguns recortes para que não tome o tempo inteiro da aula), disponibilizaremos de 8 aulas para sua conclusão – com possíveis atividades e discussões feitas em casa (durante cada episódio) e, posteriormente, na sala de aula,

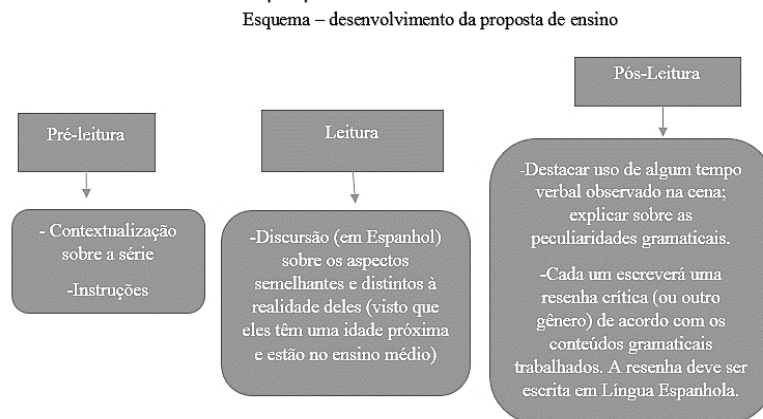
4 Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/emancipar/>. Acesso em 06 de abril de 2019.

5 Acreditamos que a escola e os responsáveis pelos alunos devem compreender que se trata de um trabalho pedagógico orientado, sendo desnecessário privar que os estudantes tenham acesso a certos conteúdos/cenas que venham, por ventura, a serem consideradas inapropriadas. É interessante que o aluno possa se colocar no lugar do outro para que discuta e responda com responsabilidade as suas próprias inquietações. Sendo assim, prevemos uma reunião com a gestão, os pais e/ou responsáveis para os devidos esclarecimentos sobre a nossa proposta, além, claro, da assinatura de um termo de compromisso e aceitação para com as atividades a serem realizadas (com vistas a evitar futuros problemas por falta de desconhecimento sobre o tema e em relação ao trabalho docente).

respectivamente. Isso somará um total de 10 aulas, incluindo as discussões posteriores⁶.

Ao final, uma culminância das atividades pode ser realizada em algum evento promovido pela comunidade escolar. A seguir, alguns detalhes secundários que poderão ser trabalhados no decorrer das aulas:

Figura 1. Desenvolvimento da proposta de ensino



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como mostra a figura 1, também pode-se contemplar as quatro habilidades comunicativas, à medida que os alunos ouçam (caso haja algum aluno com deficiência auditiva, o mesmo poderá fazer uma leitura visual da legenda) o (a) professor(a), os colegas e as personagens da série falando em espanhol. Ademais, vão falar no momento de discursão, escreverão e lerão ao realizarem as atividades propostas.

Caminhando pelo (des)conhecido: refletindo sobre a proposta de ensino

Levando em consideração as séries produzidas e direcionadas para o público jovem, no que diz respeito ao tema sexualidade, é possível afirmar que suas temáticas denotam uma realidade não tão compatível com o contexto da sociedade atual, tendo em vista que acabam por censurar/ ocultar determinadas cenas, sem de fato exibi-las, o que viria ser a um ponto negativo, já que é importante dar a oportunidade de o público almejado se reconhecer no lugar do outro – as personagens. A partir do momento que há caminhos para tal inserção, deverão surgir perguntas e, conseqüentemente, respostas serão procuradas.

Por isso, tendo como base a série *Sex Education* e as temáticas que circundam a construção de sua narrativa, nos deparamos com temas por vezes impactantes e, muito provavelmente, polêmicos. A título de exemplo segue alguns deles: virgindade, falta de ereção, aborto, relações heteroafetivas e homoafetivas, vaginismo, conflitos corporais, aceitação familiar perante a sexualidade, conflitos psicológicos, abusos sexuais etc. Para melhor ilustrar como pretendemos abordar tais temas, segue a discussão que será mediada a partir do tema *vaginismo*, conforme retrata a figura 2 (cena meramente ilustrativa em que duas personagens da série comentam sobre esse assunto) abaixo.

⁶ Tais discussões também poderão ser feitas em horários extraclasse promovidos para este fim. Como sugerimos uma culminância, acreditamos que deve haver uma orientação mais detalhada para que, juntamente com os alunos, possamos debater, ampliar e sanar determinadas dúvidas ou dificuldades que venham a surgir. Para melhor entendimento, gostaríamos de dizer que focaremos na nossa proposta de ensino sem nos debruçar sobre o momento explicado aqui, pois, por hora, não se configura como o ponto principal de nossas discussões. O que é importante, agora, é refletir sobre uma possível proposta de ensino de maneira mais holística e contextual para o aluno do Ensino Médio.

Figura 2. Cena sobre vaginismo



Fonte: Disponível em: https://www.buzzfeed.com/amphhtml/sam_cleal/sex-education-rompiendo-las-reglas.

Na pré-leitura, iniciaremos a discussão com as seguintes perguntas (que serão traduzidas para o espanhol durante a aula): você já sabia o que era vaginismo? O que que mais gerou curiosidade após a exibição da cena? Você acha que o tema em questão é muito discutido em sociedade? Por quê? Quais são os elementos visuais que te ajudaram a interpretar a cena exibida? Foi muito difícil entender a dublagem para o espanhol? Se sim, quais os motivos? Também consideraremos as perguntas elaboradas pelos alunos e que serão colocadas em uma urna.

Na leitura, os alunos serão orientados individualmente a elaborar um relato reflexivo em espanhol de, pelo menos, 25 linhas. O assunto posto para reflexão diz respeito ao tema vaginismo e pode, opcionalmente, correlacionar-se a uma das perguntas abordadas na pré-leitura.

Na pós-leitura iremos propor que os alunos, em grupo(s), transformem suas conclusões sobre o tema em algum tipo de trabalho que poderá ser apresentado para a comunidade escolar. Como sugestão, poderia ser feita uma paródia teatral da cena vista ou, ainda, uma cartilha informativa (ou ambas as possibilidades). Em maiores ou menores proporções, os estudantes serão orientados a incluírem o espanhol nesse trabalho final, a fim de promover um maior contato com a língua meta.

Logo ao considerarmos o seu valor didático para o ensino-aprendizagem, devemos pontuar que as séries passam a possuir a mesma significância atribuída a palavra *texto*. Este é, pois, um conceito que, para nós, ultrapassa o nível da escrita:

Os novos ambientes de comunicação vão unir cada vez mais soluções textuais, visuais e audiovisuais em uma forma integrada e atraente, que altera os conceitos clássicos de emissão, recepção e produção, enquanto elementos que estão em constante construção e elaboração. Estamos vivenciando a Era Digital, um momento de transformação da lógica de comunicação de massa, para uma comunicação multilateral e colaborativa (AFINI; BURINI, 2009, p. 2).

Aprimorando essa ideia e refletindo sobre uma possível proposta de ensino, prevemos a possibilidade de utilizar a série mencionada como método hábil na composição de (novas) concepções autônomas acerca da sexualidade. Essa autonomia, ainda que seja guiada por temas

delicados, não deve se esconder por que se faz primordial (e inevitável) para que ocorra uma aprendizagem significativa. Através disso será possível realizar debates convidativos nos quais o processo de ensino adquira uma linearidade que priorize o contexto e a história de vida dos estudantes.

Similar a isso, salientamos que por se tratar de um tipo de texto, deve ser lido em íntegra como forma de amparar pontos de vistas distintos que venham a aparecer nas discussões e/ou nas questões tratadas pelos discentes. Para isso, é indispensável que se crie ambientes favoráveis para o acesso ao texto completo:

[...] o diário de leitura possibilita que o aluno pode dialogar reflexivamente com o texto lido, o que proporciona também a evocação de seu repertório prévio de leituras e vivências. Além disso, possibilita a própria construção de sentidos, por meio do posicionamento e do questionamento sobre a leitura, e a exposição dos sentimentos e da subjetividade vivenciada com o contato ao texto, fornecendo a escrita de vivências do seu contato com a obra (NASCIMENTO, 2016, p. 25 apud COSTA FILHO; SOUZA; SILVA, 2018, p. 9).

Nesse caso, para concluir a nossa reflexão, a nossa proposta deverá desenvolver-se por meio de aulas expositivas-dialogadas, sendo mediadas da seguinte maneira: exibição de trechos da série (a cada episódio deve haver uma pausa para os próximos passos) => levantamento dos pontos que mais causaram inquietude/curiosidade nos alunos (escrito em pedaços de papel e posto na “urna da discussão”) => roda de conversa para a discussão => elaboração de relatos reflexivos sobre um ponto que mais tenha chamado a atenção dos alunos (feitos individualmente e entregues na aula seguinte) => trabalhos realizados pelos alunos com base em uma das temáticas discutidas ao longo das aulas (com culminância em algum dos eventos promovidos pela comunidade escolar).

Ainda acrescentamos as observações feitas pelo professor no decorrer das aulas. Nelas, se torna imprescindível analisar e avaliar alguns itens, a saber: (1) concepções de sexualidade no início e no fim da aplicação da proposta de ensino; (2) se há discursos sexistas; (3) se há respeito ante a opinião ou a pergunta do outro no que se refere a temática abordada; (4) se os alunos se mostram interessados em prosseguir o diálogo; (5) como as questões erguidas interferem no desenrolar da discussão; (6) como os alunos e o professor lidam com variadas perspectivas acerca dos temas destacados etc.

Pre vemos que, ao final, os alunos devem estar mais abertos ao diálogo, falando sem tabus e tendo acesso à informações orientadas. O professor, por outro ângulo, poderá fortalecer tal diálogo, levando-os a enquadrar “o novo aos seus modelos” (NUNES, 2005, p. 55).

Queremos esclarecer que essa proposta deverá adaptar-se a qualquer disciplina. Como nossa graduação é em Língua Estrangeira, é possível trabalhar o debate oral e os trabalhos escritos na língua meta.

Finalmente, passaremos as considerações finais.

Considerações Finais

Suscitamos reflexões através das leituras realizadas com vistas a tornar possível a abertura para uma Educação Sexual na escola. Essas questões foram sendo pensadas de modo a adentrarem-se nas aulas de forma cativante e contextual – o que se concretiza a partir da proposta de ensino sugerida. A primeira estabelece ponte com os interesses e as inquietudes dos alunos no processo de aprendizagem e a segunda trilha no fato de que o público alvo é um grande consumidor de séries dos últimos tempos. Unindo ambas as coisas, deparamo-nos com a combinação perfeita para um ensino-aprendizagem capaz de ofertar ricas discussões para a formação de um cidadão conhecedor de seus direitos humanos e sexuais.

Já no que concerne ao ensino de uma Língua Estrangeira, concordamos que o professor deve estar preparado para interdisciplinarizá-lo (ler-se transversalizar) com a finalidade de direcionar a visão de mundo dos alunos para além daquelas que eles já conhecem. As práticas sociais,

juntamente com a cultura, dialogam entre si – construindo crenças. Nesta pesquisa, colocamos a sexualidade como um desses temas a serem estudados e devidamente trabalhados na sala de aula de Língua Estrangeira.

Infelizmente, ainda hoje, enfrentamos resistência (na maior parte dos casos, por desconhecimento sobre a temática), por parte de alguns professores e de algumas escolas (além de alguns pais/responsáveis), em trabalhar a sexualidade para além de sua função biológica. Em contrapartida, concebemos que uma Educação Sexual emancipatória irá de encontro com a postura cidadã explicitada durante este artigo.

Esperamos que com isso possamos incentivar professores e demais profissionais da educação a trabalharem a sexualidade durante as suas aulas. Defendemos que não estamos falando de fazer desse assunto o foco principal, mas sim pesar na balança que é possível organizar momentos destinados a esse feito, pois, diante de um conteúdo tão complexo, enxergamos um leque de atividades a serem devidamente concretizadas no espaço escolar.

Além disso, almejamos que com este artigo surjam novas indagações – oriundas de todos aqueles que se sintam instigados por nossos argumentos. Até aqui houve um movimento entre o ser aluno de graduação e o (vir-a-ser) ser professor e, junto com isso, temos em mente que fomos (estamos sendo) donos de nossa própria (des)construção ao longo desta disciplina. Nos deparamos, por várias vezes, com realidades e contextos diferentes dos nossos. É com o mesmo desejo de transcender o que aqui foi dito para os nossos (futuros) alunos que concebemos tal propósito.

Para finalizar, nasce o desejo de que pesquisas futuras deem continuidade a esta. É válido obter comprovações do que foi mostrado aqui para que possamos autenticá-la e, logo, obter novas conclusões. Assim, o nosso próximo passo é a aplicabilidade da proposta de ensino. Inferimos também que a proposta aqui explicitada seja tomada como resposta de nosso objetivo inicial na disciplina de Educação Sexual, o de refletir e de tornar sensível o nosso olhar para com as questões de sexualidade na escola.

Referências

AFINI, L. P.; BURINI, D. Era Digital: o texto audiovisual na Web. *In: XXXII INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Anais [...]*, São Paulo: INTERCOM, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2734-1.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2019.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA FILHO, R. B.; SOUZA, G. O.; SILVA, F. R.; CARVALHO, A. S. As múltiplas faces da prostituição no livro Sapato de Salto, de Lygia Bojunga. *In: VII ENLIE – Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, 2018, Campina Grande. Anais [...]*, Campina Grande: Realize Eventos Científicos & Editora, v. 1, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlie/trabalhos/TRABALHO_EV120_MD1_SA16_ID109_02082018105841.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

FREITAS, D. L. Pressupostos de uma Formadora em Educação Sexual: Lições da Prática. Que Rastros Temos Deixado Pelo Caminho?. *Unijuí*, n. 88, p. 35-61, 2012. Disponível em: 0 abr. 2019. <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/366/817>. Acesso em: 20 abr. 2019.

FURLANI, J. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. *In*: FURLANI, J. (Org.). **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis: UDESC, p. 18-42, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. *In*: LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, p.13-31, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 14-36, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, n. 74, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a03v2274.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SOUZA NETO, A. *O que são os PCN?: o que afirmam sobre a literatura?*. **Debates em Educação**, v. 6, n. 12, p. 112-128, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/797/1076>. Acesso em: 20 abr. 2019.

TARDIF, M; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

Recebido em 19 de agosto de 2020.

Aceito em 12 de abril de 2022.